



## **CIDADES E REGIÕES DO AGRONEGÓCIO DA SOJA NO RIO GRANDE DO SUL**

Pedro Azeredo de Ugalde <sup>1</sup>  
Paulo Roberto Rodrigues Soares <sup>2</sup>

### **RESUMO**

Trata este trabalho de investigação acerca da territorialização e regionalização do agronegócio da soja no Rio Grande do Sul. Objetiva-se verificar os principais municípios vinculados à produção e comercialização de soja no estado, desejando assim compreender e delimitar os municípios vinculados ao agronegócio da soja no Rio Grande do Sul. Baseia-se o trabalho nas noções de regiões produtivas do agronegócio, cidades do agronegócio e reestruturação regional e especialização territorial produtiva. Para tanto, foram consultados dados sobre área plantada, vínculos empregatícios de determinadas classes de estabelecimentos vinculados ao agronegócio, e localização das principais feiras do setor. Nota-se que o agronegócio da soja está em expansão no Rio Grande do Sul, incorporando novas áreas, desde aquelas vinculadas a outros tipos de agricultura, além de estar em rotação com outras culturas. As principais feiras do setor se localizam em regiões do estado já tradicionalmente ocupadas pela produção de soja. Em termos de empregos, o que se verifica é tanto a difusão no número de trabalhadores vinculados à produção e comercialização da oleaginosa, quanto também uma maior concentração nas regiões pioneiras na produção do grão.

**Palavras-chave:** agronegócio, soja, regiões produtivas do agronegócio, regionalização.

### **ABSTRACT**

This research investigates the territorialization and regionalization of the soybean agribusiness in Rio Grande do Sul. The objective is to identify the main municipalities involved in the production and commercialization of soybeans in the state, thus seeking to understand and delimit the municipalities linked to the soybean agribusiness in Rio Grande do Sul. The work is based on the concepts of productive agribusiness regions, agribusiness cities, and regional restructuring and territorial productive specialization. To this end, data on planted area, employment links in certain classes of establishments linked to agribusiness, and the location of the main trade fairs in the sector were consulted. It is noted that the soybean agribusiness is expanding in Rio Grande do Sul, incorporating new areas, including those previously linked to other types of agriculture, and is also in rotation with other crops. The main trade fairs in the sector are located in regions of the state already traditionally occupied by soybean production. In terms of employment, what is observed is both a diffusion in the number of workers linked to the production and commercialization of the oilseed, as well as a greater concentration in the pioneering regions of grain production.

**Keywords:** agribusiness, soy, productive regions of agribusiness, regionalization.

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), [geopedrografia@gmail.com](mailto:geopedrografia@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), [paulo.soares@ufrgs.br](mailto:paulo.soares@ufrgs.br).



## INTRODUÇÃO

As mudanças ocorridas na agricultura brasileira a partir da segunda metade do Século XX, propostas sob os imperativos da revolução verde, impuseram sobre o espaço agrário e rural uma série de transformações técnicas, produtivas e sociais. Bases técnicas da agricultura foram alteradas, novos agentes passaram a operar no setor, e a produção incorporou-se aos circuitos da economia mundial. Nesse sentido, observa-se ao longo do processo de constituição da agricultura moderna uma reestruturação dos espaços produtivos agrícolas.

Tal processo, contudo, não se deu de forma homogênea sobre o espaço: ao longo do tempo, diferentes áreas foram sendo “privilegiadas” com as novas formas de produção da agricultura. Dessa forma, ocorre a especialização produtiva segundo a qual determinadas regiões são chamadas a produzir determinados produtos, compondo assim circuitos espaciais de produção (Santos, 2014). Ou seja, não se trata de pensar nas noções clássicas de região e rede urbana, mas, sim, de compreender “o mundo organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global” (Santos, 2014, p.55).

Sobre isso, está em curso no Brasil uma série de novas regionalizações (Elias, 2011), intituladas atualmente como Regiões Produtivas do Agronegócio (Elias, 2022a). Estas constituem-se como as áreas produtivas do agronegócio: aquelas que recebem os maiores investimentos (públicos ou privados) referentes a este setor. São as manchas das redes agroindustriais e são perpassadas por parte dos circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação de importantes commodities (Elias, 2016).

No bojo dessas transformações espaciais, portanto, encontra-se o agronegócio globalizado. Este se dá a partir da produção em redes, de forma interligada e multiescalar. Não se trata apenas da atividade agropecuária em si, mas de um conjunto de atividades econômicas que vão desde à indústria até os serviços, passando, claro, pelo setor agrícola e também pelas cidades (Elias, 2025). Trata-se de um setor agroexportador que, sob processo de integração e centralização de capitais, atua em rede e conforma os espaços regionais.

No Brasil, o tamanho deste setor agroexportador é tal que o país se configura como um dos principais produtores e exportadores das matérias-primas do agronegócio: as *commodities*. Ao se observar a balança comercial brasileira, nota-se que os principais produtos de exportação são derivados ou brutos da produção primária. Dentre estes produtos, destaca-se a soja como um grande produto nacional de exportação, haja vista ser o Brasil o maior produtor do grão no mundo atualmente (EMBRAPA, 2025).



No cenário brasileiro, o Rio Grande do Sul aparece destacadamente na produção agrícola exportadora. Segundo nota técnica publicada pelo Departamento de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul, os três principais produtos exportados em 2023 foram: soja em grão, fumo não manufaturado e farelo de soja (Rio Grande do Sul, 2024). No caso da soja, é o RS o quarto maior produtor do grão (EMBRAPA, 2025).

Diante do cenário apresentado, o presente trabalho apresenta uma discussão acerca da noção de Regiões Produtivas do Agronegócio no Rio Grande do Sul. O intuito deste trabalho é discutir a territorialização e a regionalização do agronegócio no estado. Para isso, adota-se como commodity de referência a soja, hoje principal produto de exportação e difundido em diversas regiões do estado.

Pretende-se com este trabalho realizar uma primeira aproximação acerca da identificação de regiões produtivas do agronegócio no Rio Grande do Sul e compreender suas dinâmicas. Trata-se de analisar as relações entre o agronegócio e a produção do espaço, seja ele urbano ou rural. Se quer, portanto, identificar municípios que estão compondo os circuitos espaciais de produção da soja no Rio Grande do Sul, de modo a possibilitar a compreensão do uso e apropriação do espaço pelo agronegócio.

Para tanto, baseia-se a pesquisa nos dados sobre produção agrícola municipal (PAM - IBGE), nas informações sobre vínculos empregatícios fornecidas pela Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e na localização de algumas das principais feiras do agronegócio vinculadas à cultura da soja. Em síntese dos resultados, notamos a difusão da commodity sobre o território, estando a soja presente em diferentes porções da unidade da federação em questão. Além disso, se observa a predominância de determinados municípios no que tange aos vínculos empregatícios relacionados ao setor agrícola e à localização das principais feiras, indicando assim possíveis cidades a serem tematizadas como “cidades do agronegócio”.

## **METODOLOGIA**

Para responder às inquietações deste trabalho, utilizou-se inicialmente a Pesquisa Agrícola Municipal (IBGE), selecionando a variável de hectares plantados. Foram selecionados três anos - 2003, 2013 e 2023 - cobrindo assim um período de 20 anos. Pretende-se assim, além de verificar onde está sendo plantado soja no Rio Grande do Sul, qual a intensidade da expansão do cultivo e identificar possíveis áreas de redução.

Na sequência, de modo a compreender onde se dão as mais intensas relações capitalistas e laborais do agronegócio da soja, se realizou uma consulta à base da Relação Anual de



Informações Sociais (RAIS). Foram selecionadas duas classes da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) para os anos de 2006, 2013 e 2021, a saber: cultivo de soja e comércio atacadista de soja. O interesse aqui é verificar onde se encontra a mão de obra assalariada e formalizada empregada em atividades econômicas vinculadas à produção da oleaginosa.

Além disso, as principais feiras do agronegócio vinculadas à soja no Rio Grande do Sul foram analisadas. Foi consultado o calendário de feiras e exposições divulgado pela Secretaria da Agricultura do Estado, além de matérias jornalísticas. Ao localizar as principais feiras, quer-se verificar onde estas ocorrem e quais suas relações com a produção e comercialização de soja no Rio Grande do Sul. É possível apontar municípios cujas dinâmicas de urbanização são mobilizadas em razão das operações de comércio e serviços do agronegócio.

Atrelado aos dados pesquisados e mencionados acima, de modo a embasar as análises, foram consultadas referências bibliográficas sobre o tema das Regiões Produtivas do Agronegócio, da modernização da agricultura, das cidades do agronegócio e sobre a reestruturação produtiva e regional promovida em razão do setor agroexportador brasileiro. Paralelamente, também com o intuito de possibilitar e fortalecer as análises realizadas consultou-se os dados do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (SPGG/RS) e dados do Censo Agropecuário (IBGE) de 2017. Além das fontes citadas acima, notícias e reportagens também foram colhidas para compor um quadro de referência para as análises.

Por fim, foi produzida cartografia temática dos dados de áreas plantadas e vínculos empregatícios. Para isso, fez-se uso do *software* QGIS. A espacialização das informações permitiu um panorama da situação e evolução da soja no Rio Grande do Sul, além de auxiliar na informação da regionalização e territorialização da soja. Pôde-se, com isso, identificar municípios, cidades e regiões no estado de incremento e decréscimo nos fatores trabalhados na presente pesquisa.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A modernização da agricultura no Brasil, intensa desde os anos 1960, trouxe uma série de impactos sociais, territoriais e ambientais. Tal modelo de está baseado na incorporação da ciência, tecnologia e informação com vistas ao aumento da produção agropecuária (Elias, 2002). Máquinas, equipamentos, insumos químicos e biotecnologia, fornecidos todos pelo setor industrial, são indispensáveis ao processo de modernização agrícola.





Altera-se a divisão territorial do trabalho, promovendo especializações produtivas (Santos, 2014) e um uso corporativo do território (Santos e Silveira, 2001). Ou seja, determinadas áreas agrícolas, vinculadas aos setores agrícola modernos, especializam-se na produção de determinados produtos com vistas à exportação. É o espaço agrícola brasileiro, orientado pelos comandos de grandes corporações, compondo circuitos espaciais de produção realizados à nível mundial.

Nesse sentido, o agronegócio emerge em cena como reorganizador do território brasileiro, incluindo não somente os espaços agrícolas, mas abarcando também os processos de urbanização. Cabe destaque neste trabalho os processos socioespaciais inerentes à intensificação da produção agropecuária em áreas já ocupadas pela agricultura empresarial e a viabilização das áreas que há pouco tempo não se apresentavam como passíveis de serem incorporadas pelo grande capital produtor de grãos.

Nesse amplo quadro encontram-se em curso no país novos processos de regionalização. Tratam-se das Regiões Produtivas do Agronegócio (Elias, 2017, 2022a). Essas constituem-se como as áreas produtivas do agronegócio: aquelas que recebem os maiores investimentos (públicos ou privados) referentes a este setor. São as manchas das redes agroindustriais e são perpassadas por parte dos circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação de importantes commodities (Elias, 2016).

Nas regiões em questão, as corporações do agronegócio são as principais produtoras do espaço urbano, rural e regional. Sobre isso, as regiões produtivas do agronegócio não se constituem apenas nos espaços agrícolas produtores das commodities; mas sim em espaços regionais que se conformam a partir de áreas urbanas não metropolitanas e áreas rurais.

Sobre o aspecto mencionado acima, é importante salientar que nas regiões produtivas do agronegócio se aprofundam relações campo-cidade, na medida em que a produção agrícola do agronegócio requer para si uma série de atividades de comércio e serviços, tais como casas de implementos agrícolas e fertilizantes, escritórios de marketing e consultoria contábil, além de centros de pesquisa e biotecnologia (Elias, 2012). Além disso, muitos trabalhadores do campo residem na cidade.

Eis que a cidade, nesse aspecto, reúne em si as condições gerais de produção da agricultura globalizada (Lencioni, 2024). Emergem, portanto, as cidades do agronegócio (Elias, 2022b) - aquelas que concentram as atividades inerentes ao cultivo agrícola globalizado e apresentam toda sorte de desigualdades socioespaciais (Elias, 2006). Estamos a tratar de um continuum urbano-rural (Kieling e Silveira, 2015) mobilizado pelo agronegócio.



No caso do Rio Grande do Sul, a modernização da agricultura teve início no planalto gaúcho em meados do século 20. Baseado inicialmente no trigo e acrescido posteriormente da soja, o processo de modernização da agricultura ocorreu naquilo que genericamente se compreende como o “norte” do Rio Grande do Sul, notadamente entre Passo Fundo e São Borja, compreendendo o planalto médio, a região das Missões e o Alto Uruguai (Brum, 1987). No decorrer dos anos setenta, também, certos das áreas pioneiras passaram a incorporar áreas do latifúndio pastoril à produção de trigo e soja. Assim, todas as áreas passíveis, à época, de serem incorporadas já estavam sendo subtraídas da pecuária.

O município de Passo Fundo aparece como polo de apoio do agronegócio (Sobarzo, 2010) e como cidade do agronegócio (Elias, 2022c; Santos E Spinelli, 2023). Trata-se de literatura que aponta como o a agricultura modernizada encontra na cidade os insumos para sua reprodução e consolidação. Além disso, indica que a cidade de Passo Fundo abriga indústrias do setor alimentício, beneficiamento de produtos agrícolas, implementos, etc. Além disso, muitas das empresas instaladas no município possuem sedes em outros estados do país, o que indica os arranjos multiescalares e em rede do agronegócio.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os valores de área plantada de soja apontam para um aumento no cultivo da oleaginosa no Rio Grande do Sul. Em 2003, 3.951.970 hectares foram plantados com soja em 390 municípios. Com um aumento de 84,9% da área cultivada, em 2023 a cultura do grão chegou em 6.642.140 hectares em 435 municípios. Portanto, ao fim do período a soja se faz presente em 87,5% dos municípios do Rio Grande do Sul.

A extensão do cultivo se dá em diferentes regiões do estado. Avança a soja sobre áreas vinculadas à produção de gado e arroz, no sul do estado, além de se fazer presente também em municípios próximos ao litoral norte gaúcho. Os maiores incrementos de área plantada são verificados no bioma pampa. Além disso, municípios de marcado perfil da agricultura familiar apresentam aumento na produção de soja. Nota-se que há uma difusão do cultivo em diferentes realidades, tanto em termos de bioma, quanto de outras agriculturas presentes e estrutura fundiária.

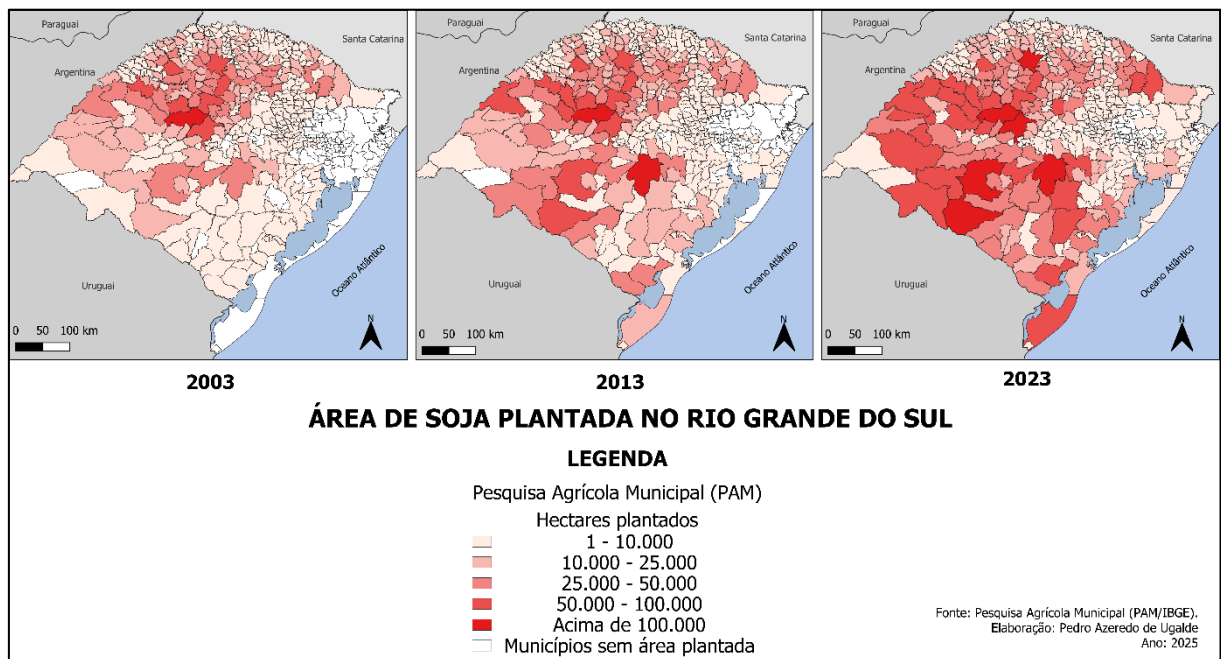
Fora a extensão das áreas de cultivo em outras regiões, o grão ganha em hectares nas áreas já consolidadas para o plantio. Tratam-se dos municípios do planalto do estado. Esse crescimento, claro, é menor, haja vista que muitas áreas já se encontravam destinadas para este fim. Ou seja, o estoque de áreas para incorporação pela produção de soja era menor.



Os municípios de Tupanciretã, Palmeira das Missões, Cruz Alta, Santa Bárbara do Sul e Jóia eram, em 2003, os cinco maiores em termos de hectares plantados de soja – todos localizados nas regiões do planalto do Rio Grande do Sul. Desses municípios, apenas dois figuram entre os cinco de maiores áreas cultivadas em 2023. São eles Tupanciretã e Palmeira das Missões, com aproximadamente 148.000 hectares e 110.000, respectivamente.

Ainda sobre os principais municípios em termos de área plantada, o que se nota para o ano de 2023 é que os mais recentemente incorporados à dinâmica da produção de soja, é o caso de Dom Pedrito e São Gabriel, apresentam um crescimento nas áreas plantadas muito acima dos demais municípios: 700 e 325%, respectivamente, para o período de entre 2003 e 2023. Para fins de comparação, Tupanciretã, conhecida como capital estadual da soja, no centro do estado, aumentou sua área em 33% para o mesmo período.

Figura 1 –Área plantada de soja no Rio Grande do Sul (2003, 2013, 2023)



Fonte: IBGE. Elaboração: Ugalde, 2025.

A força de trabalho no setor do cultivo de soja, tal como os hectares cultivados de soja, também se expande no Rio Grande do Sul durante o período estudado. Há um aumento de 57% no número de trabalhadores nessa classe de atividade econômica, passando de 10.178 para 15.980 vínculos empregatícios. O número de municípios com trabalhadores no ramo também aumenta: passa de 222 no ano de 2006 para 267 em 2021.



É nas municipalidades e nas regiões historicamente vinculadas à soja, leia-se os municípios do norte do estado, que se encontram os maiores volumes de vínculos empregatícios do setor. Embora outros municípios apresentem aumento nos seus números de trabalhadores, ao longo do período estudado os líderes do ranking seguem sendo praticamente os mesmos. Destacamos Tupanciretã, Cruz Alta, Passo Fundo e Carazinho, que figuram entre os cinco primeiros nos três anos verificados.

Indicam os dados, portanto, que os estabelecimentos com mais trabalhadores do setor de cultivo de soja encontram-se ainda nas principais regiões produtivas agrícolas do Rio Grande do Sul. É compreensível tal processo, em razão de ali a ocupação com o cultivo de soja se desenrolar há mais tempo e, portanto, muitas empresas e estabelecimentos de cultivo do grão estarem ali localizados.

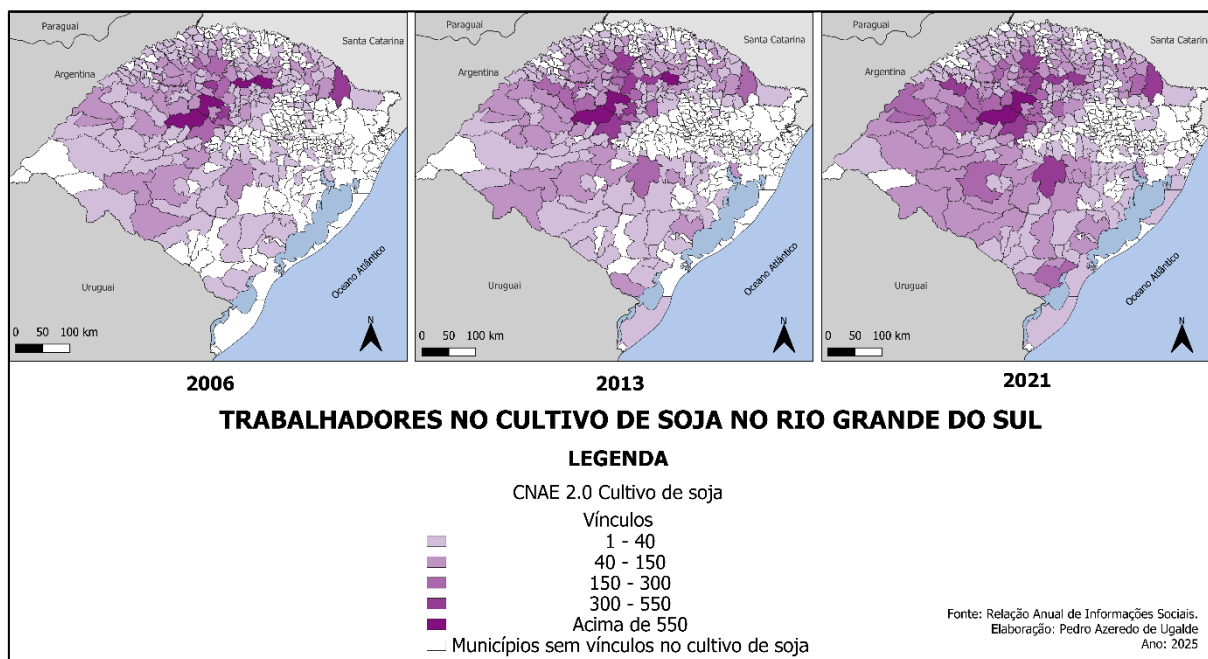
Ainda assim, os trabalhadores no cultivo de soja seguem os vetores da expansão dos hectares plantados com a oleaginosa. Nesse sentido, se nota o aumento nos empregos nas áreas da metade sul do estado, sobre o bioma pampa, sobre os principais municípios de produção bovina do Rio Grande do Sul. Apoiando-se nos aumentos percentuais, é notório que o crescimento relativo é maior nas áreas do sul do estado.

Há uma desconcentração no número de empregos nos principais municípios. Ou seja, os cinco municípios com maior volume de empregos concentravam, em 2006, 30,6% dos empregos relativos ao setor; enquanto que em 2021, os mesmos cinco municípios concentram 18,7%. Se observa essa tendência de redução também ao verificar que os dez principais municípios concentravam 44,6% do total de empregos no setor em 2006, enquanto que em 2021 os dez principais concentram 33%.

Mesmo em municípios com forte presença da agricultura familiar, os números de vínculos empregatícios no cultivo de soja também apresentam elevação. São os casos, por exemplo, de Canguçu, São Lourenço do Sul, Pelotas, Piratini e Rio Pardo. Cabem análises para investigar com mais detalhe tais processos, os impactos na agricultura camponesa e suas relações com os processos de urbanização.



Figura 2 – Trabalhadores no cultivo de soja no Rio Grande do Sul (2006, 2013, 2021)



Fonte: RAIS. Elaboração: Ugalde, 2025.

Com relação aos empregos no comércio atacadista de soja, os dados indicam que há significativo aumento no setor, mais que dobrando no período entre 2006 e 2021. Eram 6.362 trabalhadores em 2006; em 2021 o número chega a 13.358. 41% dos municípios do estado contam com ao menos um trabalhador formalizado nesta atividade econômica.

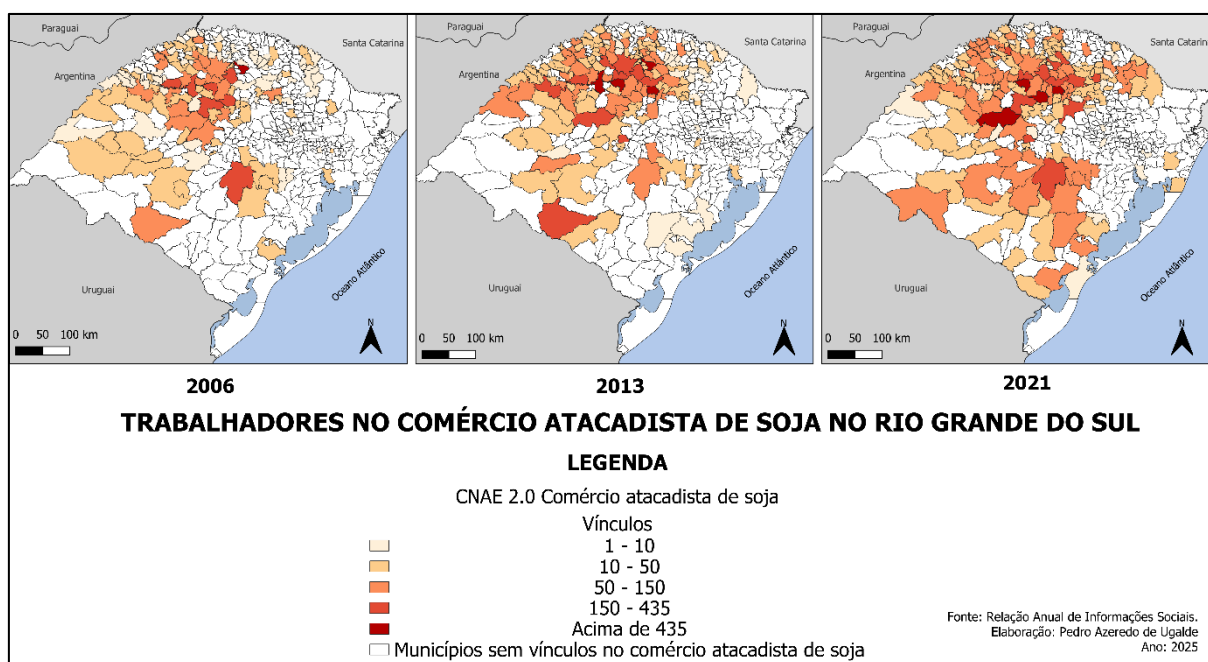
No início do período estudado, o comércio atacadista de soja, em termos de empregos, estava localizado principalmente no planalto do estado. Nas mesmas regiões onde desde a década de 70 se produz intensamente soja estão também localizados o grosso desses trabalhadores no ano de 2006. Destacamos no período os municípios de Sarandi (1.130), Ibirubá (435), Santo Ângelo (343), Ijuí (306) e Cruz Alta (286). Em 2013 se verifica a manutenção de predominância dos municípios do norte do estado a partir de 50 trabalhadores.

Na “metade sul” do estado do Rio Grande do Sul, apenas dois municípios figuram com mais de 50 trabalhadores no comércio atacadista de soja nos anos de 2006. São eles Cachoeira do Sul (183) e Dom Pedrito (108). O primeiro é um histórico ponto de apoio e produção do agronegócio, especialmente do arroz. O segundo, localizado na região da campanha, no extremo sul do estado, destinava apenas 20.000 ha de suas áreas à plantação do grão em 2003, longe ainda dos 160.000 ha que foram utilizados em 2021.

A presença de trabalhadores do comércio de soja no sul e na região central do estado aumenta no ano de 2021. Nesse ano os dados demonstram o incremento nos municípios com entre 50 e 150 trabalhadores no ramo da comercialização do grão. A presença desses trabalhadores indica que o comércio acompanha o cultivo de soja, uma vez que em tais regiões são também hoje produtoras.

Há, por exemplo, uma contiguidade de municípios no entorno de Cachoeira do Sul com mais de 50 trabalhadores. Dentre esses municípios, destacamos Encruzilhada do Sul, Caçapava do Sul, Rio Pardo e Minas do Leão. Os dois últimos, por exemplo, apresentam um aumento percentual de 559 e 7.100%, respectivamente no número de vínculos no comércio atacadista de soja. São municípios que além do comércio, apresentaram aumentos também nas áreas plantadas ao longo do tempo.

Figura 3 – Trabalhadores no comércio atacadista de soja no Rio Grande do Sul (2006, 2013, 2021)



Fonte: RAIS. Elaboração: Ugalde, 2025.

É importante anotar que os maiores quantitativos de trabalhadores no comércio atacadista de soja por município, além da maior parte dos aumentos percentuais, encontram-se na “metade norte”, nas regiões produtoras de soja desde o século XX. Por outro lado, alguns municípios com grandes quantitativos de hectares cultivados com a oleaginosa e mais contemporaneamente



atrelados à produção do grão não apresentam trabalhadores no comércio atacadista do setor. São os casos de Dom Pedrito e Alegrete.

Nota-se assim que a territorialização da soja não é homogênea no Rio Grande do Sul, embora esteja em difusão. O aumento nas áreas cultivadas trouxe consigo aumento e difusão dos trabalhadores vinculados à produção e comercialização do grão. Contudo, não há imediata correspondência entre os fatores aqui estudados. Por exemplo, o número de municípios com hectares plantados do grão é de 435; para os vínculos empregatícios no cultivo de soja o número é de 267; e no comércio do grão são 208 municípios com trabalhadores.

A pesquisa levantou até o momento três feiras vinculadas ao processo de produção de soja – Expointer, Expodireto Cotrijal e Fenasoja. Com exceção da primeira, que ocorre em Esteio, na Região Metropolitana de Porto Alegre, as outras duas ocorrem no norte do estado, em municípios e regiões de forte vinculação à produção de soja. A localização dessas feiras e sua realização se explicam pelo papel desempenhado pelas cooperativas nas regiões do norte do estado, que organizam e promovem os eventos em questão. As feiras do agronegócio da soja, portanto, reforçam o papel desempenhado pelas regiões costumeiramente produtoras do grão e sua atividade na comercialização da *commodity* em questão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os dados aqui apresentados indicam o contínuo avanço e aprofundamento do cultivo e comercialização de soja no Rio Grande do Sul. Trata-se de uma difusão que, partindo das áreas pioneiras da produção do grão, se faz hoje presente no sul e região central do estado gaúcho. O avanço da cultura se dá sobre áreas vinculadas à produção de gado e ao cultivo de arroz, por exemplo, além de se notar um aumento em municípios com presença da agricultura familiar. Nota-se, portanto, que está ainda em curso um processo de incorporação de terras pela cultura de soja.

A predominância dos vínculos empregatícios se dá, sobretudo, nos municípios há mais tempo atrelados ao processo de produção da soja. Tratam-se dos municípios do planalto do Rio Grande do Sul. O mesmo se nota com as feiras do agronegócio. Ainda assim, há uma desconcentração nos números e os mapas indicam a presença de trabalhadores do ramo da soja, tanto de comércio quanto de cultivo, em outras regiões do Rio Grande do Sul. Cabem estudos em outras escalas para uma investigação mais detalhada sobre tais dinâmicas, de modo a incluir e precisar as relações campo-cidade estabelecidas em razão do agronegócio e a formação de mão de obra urbanizada que trabalha no campo.





A noção de regiões produtivas do agronegócio, no caso da soja no Rio Grande do Sul, aparece como via de investigação interessante. Diante da análise dos fatos apresentados, nota-se que há uma regionalização consolidada, ao norte do estado, para o cultivo do grão, e um processo de difusão da oleaginosa para o sul. Permanece o interesse na investigação para melhor compreensão dos processos de difusão do agronegócio da soja. É tema da sequência de pesquisa analisar se o agronegócio da soja promove uma regionalização que se expande ou se o que estamos verificando são novos processos de regionalização, produzindo portanto diferentes regiões produtivas do agronegócio da soja no Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, a pesquisa deve aprofundar a interpretação dos dados utilizando-se também das regiões geográficas imediatas e intermediárias do IBGE. Além disso, a vinculação entre os dados coletados e o estudo das Regiões de Influência das Cidades (REGIC) poderão fornecer panoramas interessantes para a compreensão da difusão, territorialização e regionalização da soja no rio Grande do Sul. Cabe ainda, certamente, precisar o que há de especialização territorial produtiva da soja no estado, compreendendo o circuito espacial de produção e os círculos de cooperação do grão.

## REFERÊNCIAS

BRUM, Argemiro Jacob. **Modernização da Agricultura: trigo e soja**. Petrópolis: Editora Vezes, 1980.

ELIAS, D. Globalização e Agricultura no Brasil. **GEO UERJ**, Rio de Janeiro, n.12, p. 23-32, 2002.

ELIAS, Denise. ENSAIOS SOBRE OS ESPAÇOS AGRÍCOLAS DE EXCLUSÃO. **REVISTA NERA**, n. 8, p. 29–51, 2006. DOI: 10.47946/rnera.v0i8.1442. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1442>. Acesso em: 05 out. 2024.

ELIAS, D. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n. 2, p. 153, 2011. DOI: 10.22296/2317-1529.2011v13n2p153. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/400>. Acesso em: 3 out. 2024.

ELIAS, Denise. Relações campo-cidade, reestruturação urbana e regional do Brasil. **COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA**, 12., 2012, Bogotá. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/07-D-Elias.pdf>. Acesso em: 05 out. 2024.

ELIAS, Denise. Agronegócio e reestruturação urbana e regional no Brasil. In: BÜHLER, Eve Anne, GUIBERT, Martine; OLIVEIRA, Valter Lúcio de. (Orgs.). **Agriculturas empresariais e espaços rurais na globalização: abordagens a partir da América do Sul** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, pp. 63-81. Estudos rurais series. ISBN: 978-65-5725-004-4. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/3k9jk>. Acesso em: 06 out. 2024.





ELIAS, Denise. Construindo a noção de Região Produtiva do Agronegócio. In: OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; CALIXTO, Maria José Martinelli Silva; SOARES, Beatriz Ribeiro (org.). **Cidades médias e região**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 19-55. ISBN 978-85-7983-830-9.

ELIAS, D. Agronegócio globalizado e (re)estruturação urbano-regional no Brasil. **Revista de Geografia**, v. 39, n. 2, p. 290–305, 2022a. DOI: 10.51359/2238-6211.2022.254811. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistageografia/article/view/254811>. Acesso em: 7 out. 2024.

ELIAS, Denise. Uma radiografia das “cidades do agronegócio”. **OUTRAS PALAVRAS**, 23 dez. 2022b. Disponível em: <https://outraspalavras.net/cidadesemtranse/uma-radiografia-das-cidades-do-agronegocio/>. Acesso em: 08 out. 2024.

ELIAS, Denise. CONSUMO PRODUTIVO E URBANIZAÇÃO NO BRASIL: AS CIDADES DO AGRONEGÓCIO. **Revista Ciência Geográfica**, v. 26, n. 2, p. 1003–1019, 2022c. Disponível em: <https://www.ppg.revistas.uema.br/index.php/cienciageografica/article/view/2929>. Acesso em: 7 out. 2024.

ELIAS, Denise. Agronegócio e urbanização dependente no Brasil. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; DINIZ, Nelson. **A nova urbanização dependente no capitalismo rentista-neoextrativista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025. cap. 11, p. 357-384. ISBN 978-65-5252-128-6.

EMBRAPA. **Soja em números (safra 2024/25)**. 2025. Disponível em: <https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/dados-economicos>. Acesso em: 22 set. 2025.

KIELING, Rejane Inês; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. O rural, o urbano e o continuum urbano-rural no contexto do desenvolvimento regional. **Perspectiva**, 39(148), 133-143, 2015. Disponível em: [https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148\\_540.pdf](https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_540.pdf). Acesso em: 07 out. 2024.

LENCIONI, Sandra. Condições Gerais: uma chave para se compreender a relação cidade-campo. In: VOLOCHKO, Danilo; PRIZON, Leonardo (org.). **Geografia urbana: a produção do urbano e a urgência da práxis transformadora**. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2024. p. 206-220.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. Nota Técnica n. 88: **Estatísticas das exportações do Rio Grande do Sul — 2023**. Porto Alegre: DEE/SPGG, 2024a. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/upload/arquivos/nt-dee-88-estatisticas-das-exportacoes-do-rio-grande-do-sul-2023.pdf>. Acesso em: 25 maio 2025.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.



SANTOS, Everton Hernani dos; SPINELLI, Juçara. CIDADE DO AGRONEGÓCIO: AS MARCAS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA EM PASSO FUNDO/RS. In: ENANPEGE, 15., 2023, Palmas. **Anais eletrônicos** [...] Palmas: Realize, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/93835>. Acesso em: 06 out. 2024.

SOBARZO, Oscar. Passo Fundo: cidade média com funções comerciais, de serviços e de apoio ao agronegócio. In: **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 29-100.